

Confissões de uma jovem metáfora

Confessions of a Young metaphor

Recebido em: 22 de julho de 2011

Aprovado em: 15 de setembro de 2011

Eugênio Benito Júnior

Engenheiro formado pela Universidade de São Paulo (USP) em 1977, pós-graduação em Economia pela UNICAMP em 1999, professor dos cursos de Engenharia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal) e mestrando em Educação no Centro Unisal. Autor de dois romances publicados

E-mail: eugenio.benito@am.unisal.br ou eb.j@uol.com.br

Eu não sei o que estou fazendo aqui. Presa em um lugar escuro, sem luz e quase sem ar e com um tremendo peso sobre mim.

Apesar de tudo, ainda me sinto leve, nova, coesa. Há poucos dias, andava pelo ar, livre, imaterial, vagueando de um lado para o outro. Depois, vapt-vupt, fui capturada por uma teia de palavras, que não eram as palavras que eu imaginei que um dia iriam me descrever, mas é que até então eu não sabia que era uma metáfora.

Engraçado esse espaço de palavras. No tempo em que eu voava atraída pelos mais diversos desejos, acabei um dia passando pela Grécia e vi numa rua de Atenas um caminhão, desses pequenos, velhinho, ostentando, em rápidas letras gregas, uma placa pintada à mão com a palavra metáfora, assim: μεταφορά. Achei desde então que metáfora fosse um caminhão de mudanças. Naquele tempo, eu, idéia livre e solta não quis saber de perguntar para a idéia aprisionada naquela plaquinha grega qual seria o seu significado. Deveria ter aproveitado a oportunidade, afinal de contas as idéias não têm pátria, falam qualquer idioma e poderíamos muito bem ter conversado. Agora, vejam só, eu mesma fui pega e aprisionada por um menino de oito anos e não consigo mais falar grego. Só falo português e me sinto presa duas vezes. Primeiro por essa teia de palavras vindas da ponta de um lápis manuseado por esse garoto. Depois por esse quarto escuro que não sei ainda o que é. Continuo sabendo conversar com outras idéias, num idioma que ainda não descobri qual é.

Se eu soubesse que eu mesma era uma metáfora, talvez não me deixasse enganar e não estivesse assim presa a este papel. De qualquer maneira, é uma experiência nova, uma mudança e tanto. Essa metamorfose ocorreu quando o Pedrinho escreveu sua história do robô. Que história aquela! O menino da história, não o Pedrinho, que agora

já era escritor, vivia reunindo peças e montava um robozinho para brincar até que um dia achou a peça que dava vida ao robô e a geringonça inerte começou a se mover e acabou virando um meio de satisfazer os desejos da personagem. E os do Pedrinho também. E também os meus. Vejam como nós, metáforas, somos poderosas. O menino reinventou a lâmpada mágica que agora tinha a forma de um robô. Fiquei orgulhosa, claro, pois nem mesmo eu sabia que se pode inventar uma máquina de satisfazer desejos e fui chamada para participar – esse é que é o meu orgulho. Parece orgulho de mãe, mas eu ainda não era mãe. E nem sei se seria.

Soube assim, que caminhão de mudança era usado para transportar móveis e metáfora era usada para transportar significados. Também fiquei feliz por ter aprendido isso, mas me parecia muito pouco para poder coadjuvar uma mudança, afinal de contas eu não era um caminhão e só agora descobria que era uma metáfora.

De qualquer forma, Pedrinho me escolheu e acabou me capturando enquanto eu passava voando perto dele. Essa captura, além de metafórica (adoro usar coisas novas) tinha um pouco de afeto também. Difícil dizer o que é isso, mas parecia que ao mesmo tempo em que Pedrinho gostava de mim, eu também comecei a gostar muito dele. E aqui aquele negócio de mãe não combina muito. Eu queria que ele gostasse também de outras idéias, e não só de mim. Vai ver que mãe também é assim. Não sei. Não tenho essa experiência, como já disse, mas uma mãe legal iria querer ver seu filho se apaixonar por várias idéias.

Eu estava achando que se outras idéias povoassem a cabeça do Pedrinho, eu ficaria mais forte, como idéia fundadora. Vejam só, estava me dando ares de rainha. Idéia fundadora coadjuvante de uma mudança. Então por que estava presa no escuro? Talvez eu não passasse de uma idéia confusa, só isso.

Ouvi vozes enquanto pensava isso. É coisa de louco mesmo. Pensar em círculos e ouvir vozes. E de repente, fez-se a luz, que inundou o espaço em que eu estava. As vozes que eu ouvia eram do Pedrinho e da mãe dele. Eu estava sintonizada com as coisas que o Pedrinho pensava e imaginei que ele também estaria pensando assim. A mãe dele eu não conhecia direito, não conseguia entender o que ela pensava. Mas eu a respeitava. Na verdade, tinha era um medo danado dela. Não sei por que, mas tinha. Ela protegia o Pedrinho e às vezes acho que imaginava que eu era uma influência negativa para ele. Justo eu, uma jovem metáfora. Eu também gostava do Pedrinho e achava que quando ele me alimentava, na verdade estava alimentando a relação com a mãe. Mais tarde, quando ele crescer mais e ficar longe da mãe, ela vai estar em seu baú de

memórias. Estará lá em forma de idéia, assim parecida comigo. Vai também tomar a forma de lembranças e metaforizar a saudade. E eu também vou estar lá, claro. Afinal de contas, sou uma idéia fundadora. Praticamente um caminhão capaz de carregar todo esse baú que a mãe está preparando para que Pedrinho leve pela vida dele afora.

Estão vendo? Foi só ter um pouco de luz que as coisas já começaram a ficar mais claras. Pelo menos para mim. Quando a luz entrou, vi, com esses meus olhos presos ao papel pela letra ainda infantil do Pedrinho, que eu era um texto. Eu era a história do robô. Estava claro isso faz tempo, acho, mas por favor, tenham um pouco de paciência comigo – nem mesmo tinha me acostumado a ser metáfora e já me percebo texto. Estou mudando rapidamente.

Não entendo ainda o que estou fazendo aqui, presa neste cubículo. Agora, com a luz, vejo que é uma caixa grande, e tem um monte de livros sobre mim. São mais pesados, mais velhos, sisudos e não falam comigo. Tem um aqui que conta a história de um sujeito que acordou e tinha virado uma barata. Aposto que vocês estavam achando que a história do robô que o Pedrinho inventara era fantasiosa. Vocês ainda não viram nada. Tem outro aqui, bem velhinho, que mata o pai, vence uma esfinge, casa com a mãe e fura os próprios olhos. Que gente louca.

- Só depois da lição é que eu abro o cofre novamente – disse a mãe do Pedrinho. E – pof – escuridão de novo. Cara, eu estava presa em um cofre???

Bom, eu deveria ser mais importante do que eu achava que era. De novo, a megalomania que assola as jovens metáforas. Mas pensem comigo: um cofre é para guardar coisas valiosas. Se eu estava lá, deveria ser importante. Claro. Óbvio. Se aquela gente maluca estava lá comigo eles deveriam ser importantes também. Meu Deus, eles também eram metáforas. Mais uma vez o óbvio me atropelava. Eu, metáfora do desejo de um escritor juvenil que procura explicar as mudanças que devem estar ocorrendo na vida dele, estou em contato com a metáfora de um cara que foi dormir ser humano e acordou barata. Bom, a metáfora do Pedrinho eu entendi. Ou melhor, eu me entendi, vejam que soberbo autoconhecimento. Mas a metáfora do cara da barata ainda não tinha entendido direito. No caso da barata, tem uma coisa a mais nessa velha metáfora, creio: ela está acompanhada de uma outra sensação que eu já vi muitas vezes vagueando por aí, cabisbaixa e sofrida – a angústia. Nesse caso, ponto para a mãe do Pedrinho – tem mais é que prender essa gente mesmo. Ops, mas e eu? Será que eu também sou uma metáfora perigosa? Não sei não. Eu me acho tão simples, tão feliz e cheia de boas

intenções. Vai ver a mãe do Pedrinho não acha. Acho que não me conheço tão bem assim, não.

De novo a luz.

- Só esse, Pedrinho, só esse – e saía um livro do cofre.

Os livros na casa do Pedrinho eram guardados em um cofre. Eu, pobre folha de papel magra e quase transparente, ficara grudada em outro livro e estava lá por acaso. Descobri isso quando a mãe do Pedrinho me procurou para me mostrar aos amigos. E lá fomos nós, eu, a mãe do Pedrinho e ele, eu deitada no meu papel e eles dois em uma foto.

Estávamos os três sorrindo. O Pedrinho porque estava abraçado com a mãe, ela sorria de orgulho por ter um filho escritor e eu, sorria feliz por já me sentir parte da família.